

A POÉTICA HOJE¹

MARIA DE JESUS EVANGELISTA*

"A poesia é sempre a mesma, mas tem as modas".

João Ribeiro

Árdua tarefa se apresenta para o pesquisador o reflexionar sobre **A Poética Hoje** no Brasil, na sua dupla dimensão de Poesia e de Arte Poética, tema que me foi proposto neste **II Encontro Nacional de Escritores Independentes**, que se realiza aqui em Brasília, de 12 a 16 de agosto, deste ano de 1986; tarefa árdua e difícil, uma vez que se há de decodificar algo como o que diz Nauro Machado na sua "Tragédia":

A grande aventura do poeta
consiste em seu tão pequeno rio
a voltar para a imensa fonte dele.

Quando se tem um vasto espaço cultural como é o Brasil, de vários centros extremamente importantes e produtivos, como seja o de um Estado do Maranhão, ou de um Rio Grande do Sul, com nomes como o citado Nauro Machado e Carlos Nejar, ou indo aos Estados de São Paulo e Rio de Janeiro, eixo cultural maior, com Mário Chamie, os irmãos Campos e Décio Pignatari; Ferreira Gul-

¹Este trabalho é, com poucas modificações, a Comunicação apresentada no **II Encontro de Escritores Independentes**, realizado em Brasília, de 12 a 16 de agosto, de 1986, pelo que se lhe justifica um certo tom de oralidade.

*Dr^a em Letras - Toulouse, França.
Professora na UnB

lar e Carlos Drummond de Andrade, poeta maior na poesia hoje do Brasil, tem-se que considerar que é quase impossível, apenas numa conferência, apresentar o que seria um panorama da Poesia/Poética Hoje no Brasil. Talvez se possa chamar a atenção sobre o tema lembrado, as várias tendências e correntes presentemente ativas, e realizar uma pesquisa sobre poetas que mais recentemente publicaram livros em que se revelam, ao lado de uma práxis poética, essas preocupações metapoéticas, e que podem, assim, oferecer matéria suficiente para uma amostragem do que seria a grande versatilidade da poesia brasileira neste momento, aliás muito importante como provimento poético, sobretudo por sua busca constante de novos caminhos.

Há inúmeros trabalhos, ensaios, sobre o tema, alguns bastante polêmicos, outros bem parciais, mas todos de extrema importância porque oferecem ao pesquisador uma síntese da diversidade da poesia contemporânea brasileira. Entre esses trabalhos, ressalte-se a espécie de **Inquérito** realizado pelo **Suplemento Literário** do jornal **Minas Gerais**, em vários números. Aí pode-se apreender não apenas uma síntese da Poesia Contemporânea Brasileira, através do testemunho vivo dos próprios poetas, síntese crítica e histórica, como também tem-se uma visão do gosto, uma apreciação estética da recepção desses mesmos poetas do Brasil de agora.

Há um outro trabalho muito importante sobre Poesia Hoje, de José Roberto de Almeida Pinto¹, Mestre em Literatura Brasileira pela Universidade de Brasília, e também poeta contemporâneo, em que ele realiza uma análise sobre as duas tendências principais da Poesia Hoje: uma a que ele chama de "poesia culta" e a outra, "poesia marginal". Com este estudo José Roberto apresenta sua contribuição para uma História da Poesia Hoje no Brasil, em especial dos "poetas de Brasília" a quem dedica maior espaço. Talvez este seja um dos trabalhos mais recentes sobre o tema, datado que é, do final de 1983. O autor reflete sobre o que chamo de diversidade de caminhos. Com "Este Grave Ofício de Poeta", inicia José Roberto a apresentação do que ele considera "poesia culta", e analisa os poetas Anderson Braga Horta, Cassiano Nunes, Marly de Oliveira e Domingos Carvalho da Silva, em oposição/complementativa ao que chama de "poesia marginal", com Nicolas Berr,

Eudoro Augusto, Francisco Alvim e Turiba. Com isso oferece matéria para a reflexão sobre a diversidade que, de certa forma, apresenta a carência de uma Poética (con-) formada às contingências da nossa história literária, que segue correntes externas, e com gerações que influem umas sobre as outras. Contudo, isso se apresenta, talvez, como descaso por um complexo de processos, de técnicas e pressupostos convergentes que formariam algo a que se poderia considerar uma Poética, um estilo determinado - impossível? - identificado nos seus princípios e normas. Sem isso, o que se percebe é uma busca que se norteia por uma tradição existente, ao ponto de se poder falar de um "neo-isso", ou "neo-aquilo", e também, felizmente para o progresso da própria Poesia, atos de rebeldia - como o dos Escritores Independentes, que ora se encontram em Brasília - a essa tradição. Se se perguntar, pois, como se apresenta hoje a Poética no Brasil, a resposta será sem grandes dúvidas: que ela é nessa sua trajetória algo que não quer ser, isto é, uma Poética que não quer ter a sua Poética, que segue, pelo contrário, os vãos livres da liberdade apontando as várias soluções para o fazer poético. Isso não significa, contudo, uma anti-Poética, mas sim uma Poética que se vai fazendo no romper de obstáculos à sua própria essência, formando novas concepções sobre Poética, como num **continuum**, transformando as velhas e tradicionais necessidades de procedimentos poéticos determinadas. Com isso, pode-se talvez afirmar que ela está seguindo ainda os caminhos abertos pelo Modernismo na busca do "direito à pesquisa estética", sempre com liberdade de inspiração e de expressão, ainda que atenta ao lema: "o que é mister agora é não se repetir". Tudo isso revela uma insatisfação muito grande e que se traduz numa busca, apesar de si mesma, de novos **-ismos**.

Há que se distinguir Poética? como técnica e Poética como arte. Como técnica, isto é, a **poietiké techné** de Aristóteles, tomada como ciência, conhecimento do processo de funcionamento da arte, a Poética de Hoje apresenta, como se pode perceber, um acentuado vazio, não maior porque na atualidade combinam-se, na quase totalidade das obras poéticas, isto é, das poesias feitas no Brasil dos últimos dez anos, as duas acepções deste termo. Há nessas produções, quase sempre metapoéticas, a **poietiké**, a arte,

o poema em si mesmo, que se dimensiona em **poietiké techné**, ciência, conhecimento, formando um todo resultante do Ser e do Objeto tomados como matéria-prima do poema. Um ser que se alimenta em si mesmo. Portanto, na atualidade, não se pode dizer que haja uma "Poética"; quando muito, há buscas inquietas de uma direção espiritual e literária que, abandonando as direções modernistas - de 1922 - por tradicionais, tentam recriar uma novíssima poética que pagaria tributo a si mesma. Da práxis poética, portanto, retira-se uma Poética que é em si uma arte e uma técnica.

Mesmo parecendo insuficiente para essa argumentação - poderá servir como ponto de partida para pesquisa mais ampla - fez-se uma "leitura" de alguns poetas contemporâneos. Tomou-se como critério a data de publicação dos seus últimos livros, todos eles dos anos 1980; observou-se a distância do espaço em que vivem, a data da estréia não coincidente, número de produções publicadas distintas, mas todos preocupados com o fazer poético como arte e como conhecimento, e todos inerentemente representantes da Poesia/Poética Hoje, consagrados pela crítica. Com livro publicado em 1982, Cláudio Murilo Leal³, que estreara em 1959, realiza uma poesia voltada ao mesmo tempo para a pesquisa poética, como se observa no poema "O Poeta" (p.13)

Trocou as viagens de aventura, estrada, marés,

por uma intimidade maior com as palavras através da leitura paciente (e proveitosa) de dicionários. Conseguiu livros de edição esgotada, como Arte Poética, Manual de Estilos Literários, Dicionários de Rimas;

Sua maneira de escrever foi-se impondo entre os confrades pela expressão concisa e precisa, clássica mesmo.

Às vezes, no entanto, invejava seu passado, o tempo em que brotava de sua alma torrente de imagens ininteligíveis.

e para a crítica a esse processo, baloiçando-se, em versos quase prosaicos, entre o fechamento de uma arte poética e a clara emoção de uma poesia de pura inspiração, decorrente daí uma poesia questionadora e reflexiva. Movimento pendular reiterado no poema "Nova Poética" (p.11)

Você, meu avô, que polia o verso alexandrino
todas as manhãs,

mais importante que o verso era saber viver.

Com "O Poema" (p.47) CML se insere muito comodamente nessa No-
va Poética.

Poema abstrato
não-sentimento
sequer retrato
ou pensamento.

Íntima túnica
que não veste
palavra única
e agreste.

Um estado
alguém do ser:
não captado
amanhecer.

Essa poesia, reiterativa dos procedimentos metapoéticos, comple-
ta-os com o hermetismo, dado essencial da poesia hoje.

De 1983 é o livro **Entretempo**, de Lina del Peloso⁴, poetisa
mineira, que escreve desde os doze anos, e ligada por fortes la-
ços poéticos à revista modernista **Verde**, de Cataguases. Lina del
Peloso, que estréia em 1952, com o livro de poemas **Alguns Dias**,
promessa que se cumpre com esta "reunião de intervalos de tem-
po, somando uma coisa só", na explicitação da poetisa, não é uma
iniciante do fazer e do refletir poéticos. Daí a importância de
sua presença nesta pesquisa sobre os caminhos da Poética Hoje
no Brasil. Veja-se o seu

"RECADO"

A súbita pergunta
ilumina a memória mítica.
Escrevo para refazer
e renovar
em mim
o flanco aberto e exposto
da palavra
que se deita junto a outra.

em que se expressa a fórmula de que poesia se faz com palavras,

no poema apresentada numa dimensão extremamente viva de arte e sensualismo desta "palavra/que se deita junto a outra".

E sua arte poética se cristaliza como teoria no poema, que dá título ao livro,

"ENTRETEMPO"

O poema é a mesma coisa
- ancoragem do imaginado
mistério em fúria,
limite e moenda -
da coisa mesma.
Entre o cio cristal do demônio
e o velado estalo do anjo,
o poema se assombra.

que nasce da Vida, do Ser preso dentro de sua essência mesma, que é a eterna luta do Fausto ou de Riobaldo.

Há entre estes "novíssimos poetas" aqueles que se jubilam com a liberdade acima de qualquer **poietiké techné**, como o "pássaro" João Carlos Taveira⁵, (1984) reelaborando a tradição, que se presta aos seus vãos mais altos em forma de uma Poética arte em que a beleza é o objetivo maior, mesmo quando a serviço de uma ideologia, como se pode facilmente perceber em "Poética" (p.15), "O poeta é como o pássaro: /lírico e amável / por instinto"; "Auto-Retrato" (p.18). "Mas, na realidade, /me identifico, apenas, / com o naufrago objetivista"; "Elegia para Castro Alves" (p.37). "Porém, seu canto /é sempre, e apenas, / mil formas sempre novas"; "Se eu morresse amanhã" (p.68). "Se eu morresse amanhã, /muitos diriam que foi plágio. /Mas, em verdade, / eu morreria feliz." (Busca indireta de uma nova poética dentro da nostalgia da tradição) e "Prisioneiro 2" (p.36). "Eu sei que não traço / nenhum símbolo, nenhum signo, / estereotipado no gesto / As minhas mãos estão vazias" em que **mãos vazias** seria a ausência de uma **Poietiké techné** como a guiar o poeta na direção de sua poesia. Confira "Paradoxo" (p.45) em que João Carlos reitera a necessidade de uma arte poética.

Gilberto Mendonça Teles⁶, com **Plural de Nuvens**, seu décimo segundo livro de poesias, apresentado ao público brasileiro em 1985, veterano na arte de armar a sua Poética através da poesia/palavra, - basta lembrar alguns títulos de sua vasta obra

(A Raiz da Fala, Arte de Armar) - elabora os inúmeros aspectos desta Poética Nova que tenta se ("des)organizar" na diversidade de sua própria estruturação. O poema "Ludus" (p.15) é uma "receita de poema" em que o primordial é a palavra e o final acabado é a própria emoção perseguida, que aqui leva para o prazer maior da poesia tomada como brinquedo: "quintessência final de coisa alguma". Com "Inspiração" (p.18/19) temos que a palavra se transmuta em linguagem, a poética se faz e a técnica se recolhe a segundo plano. Ironia e blague satirizam a "doida inspiração" ao mesmo tempo que as "sérias preocupações" com a arte poética, que não sendo norma universal, convence portanto na diversidade das "poéticas" existentes, com o sentido que lhe dá o Aurélio, em que "Poética" é "arte de fazer versos" (Poesia); "teoria da versificação". (Poética técnica). Com "Ars Longa" (p.22) GMT aprofunda sua reflexão sobre o fazer poético

Seguramente os deuses estão dormindo
quando gasto a manhã procurando pescar
as palavras ariscas que se escondem
nas locas do silêncio ou se repetem
na duração do risco ou na espessura
de uma linha partida na fundura.
(Na outra margem,
de cima do barranco,
alguém contempla o fundo da linguagem
na superfície do papel em branco.)

e surge um novo dado das preocupações da Poética Hoje: a recepção do poema, não apenas pelo leitor, que o frui como poesia pela poesia, mas sobretudo pelo crítico, que se abstrai, na sua leitura, da tortura da criação. Daí a desconfiança com que o poeta espera/espreita o leitor/receptor, a atualíssima preocupação da estética da recepção. E não é só a tortura da criação, com ou sem uma Poética "produtiva", mas também um dado inerente à Poesia Hoje: o hermético do poema contemporâneo, muitas vezes página em branco tanto para o leitor quanto para o próprio criador que não alcançou o objetivo perseguido, como afirma Cassiano Nunes: "visam os poetas o Poético, mas alcançam apenas - e na melhor das hipóteses - o literário."

Parece-me, porém, que o mais significativo, com relação a tudo isso, em GMT com este seu livro, é a consciência de que

não há Arte Poética, quando muito há a Poética, como reflete bem o seu poema "Geração" (p.32/3) como traço da Nova Poesia Brasileira

Sou um poeta só, sem geração,
que chegou tarde à **gare** modernista
e entrou num trem qualquer, na contramão,
e vai seguindo sem sair da pista.

E de mais exemplos não se precisa para compreender-se o essencial do tema. Conclui-se, portanto, dizendo-se que em arte literária deve-se partir da premissa de que para se atribuir importância a uma Poética "produtiva" é necessário que as obras de arte e seus autores se insiram dentro de um processo de auto-afirmação. E a reflexão maior que se pode fazer no atual momento da poesia brasileira é saber não apenas quais os rumos que ela segue, mas sobretudo que procedimentos vão-se firmando para a sua identidade a ponto de se poder falar numa real Poética Hoje Nacional. Se ela se insere num processo evolutivo como aperfeiçoamento e renovação de poéticas tradicionais, no historicismo postas, e se apontam "legados" geradores de novas etapas de evolução e de renovação estéticas, sempre sem abandonar as buscas de sua originalidade e de sua especificidade, e, como se dizia no Modernismo, reservando-se continuamente o direito de pesquisa estética, ou se pelo contrário, o individualismo se consagra através do poeta franco atirador, como sugere Gilberto Mendonça Teles. De qualquer modo, porém, o Modernismo, hoje historicamente clássico, foi talvez o último grande movimento estético unificado por que passou a Poesia Brasileira.

NOTAS

¹ALMEIDA PINTO, José Roberto. **Poesia de Brasília: Duas Tendências**, Brasília, DF, UnB, Tese inédita, junho 1983.

²F.F. PETERS. **Termos Filosóficos**, Um Léxico Histórico, Gulbenkian, Lisboa, 1977.

³LEAL, Cláudio Murilo. **Caderno de Proust/Poesia**, Rio de Janeiro, José Olympio/INL, 1982. Prêmio Literário Nacional de Poesia do INL de 1981.

CML é carioca, formado em Letras, tendo cursado doutoramento na Universidade de Essex, Inglaterra, onde também foi professor de Literatura Brasileira. Foi professor na UFRJ e UnB;

Diretor do Instituto Copacabana e Leôncio Correia, no Rio. Atualmente é Diretor do "Colegio Mayor Universitario Casa do Brasil" em Madrid, onde vem divulgando a cultura e a literatura brasileira.

Cláudio Murilo publicou ainda os seguintes livros: **Poemas**, 1959; **Novos Poemas**, 1969; **Fonte**, 1961; **Gesto Solitário**, 1964; **As Doze Horas**, 1965; **A Rosa Prática**, 1966; **A Musa Alienada**, 1971 e **Poemas de Amor**, 1979.

⁴PELOSO, Lina Tâmega del. **Entretempo**, Rio de Janeiro: Record; Brasília: INL, 1983.

Lina del Peloso é formada em Letras Clássicas, pela PUC-RIO, e professora de Língua Portuguesa e Teoria da Literatura, tendo lecionado nos primeiros quatro anos da UnB, e depois nos anos 1973 e 74. Grande estudiosa de Cecília Meireles, é co-fundadora de **Solombra**, revista editada pela Supervisão de Português do Governo do Distrito Federal, a que pertence a poetisa. Foi bolsista do governo português por duas vezes. Em 1969 para uma pesquisa sobre as raízes do lirismo peninsular em Cecília Meireles e em 1978 a convite da Universidade de Lisboa para proferir palestra sobre a obra de Marques Rebelo.

⁵TAVEIRA, João Carlos. **O Prisioneiro / Poesias**, Brasília: Editora Gráfica Regional Ltda., 1984.

João Carlos Taveira, autêntico representante dos Escritores Independentes, já mereceu alguma atenção da crítica, com merecidos elogios. Dentre esta sobressai o ensaio crítico realizado pelo poeta e professor Cassiano Nunes, "Prefácio" deste seu livro de Poesias. JCT nasceu em Caratinga, MG. Moço ainda transferiu-se para Belo Horizonte onde estudou, passando depois para o Rio de Janeiro, veio para Brasília, onde reside até hoje. Pessoa simples, mas irrequieta foi na Poesia que encontrou a sua força de expressão maior.

⁶TELES, Gilberto Mendonça. **Plural de Nuvens**, Porto/Portugal, Go-ta de Água, 1984.

A crítica de um modo geral e a universitária em particular tem-se debruçado longamente sobre a obra poética deste consagrado poeta goiano, há longos anos radicado no Rio de Janeiro, onde exerce o magistério superior na UFRJ, PUC e Universidade Federal Fluminense. Gilberto Mendonça Teles é dos poetas aqui apresentados o de maior peso poético, não só pela qualidade (e quantidade) de sua obra - com mais de vinte livros publicados - mas sobretudo pelo seguro domínio do seu metier, como apontam os críticos neste seu novo livro.

